



Il «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

O «mistério do corpo falante»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

O Mistério do Corpo Glorioso

Para gozar faz falta um corpo. Ainda que se prometam beatitudes eternas, não se pode fazê-lo sem que aí se suponha o corpo como veículo: glorioso ou não, tem que estar l.

Nossa epígrafe coloca-nos de cheio em Roma como centro espiritual do catolicismo, pois são eles que prometem beatitudes eternas, de eterna também se chama esta cidade, e eterno é o corpo que habita a palavra, o que é o tema de nosso trabalho.

Dizer corpo glorioso implica o dito de Lacan sobre o mistério do corpo falante, já que o corpo falante é condição para o corpo glorioso. Por que terá o homem concebido a idéia de alma, ou dos espíritos, da reencarnação, da transmigração das almas, da metempsicosis, da ressurreição? O homem não se identifica com seu corpo, não é corpo, tem um corpo, e por isto, como nos diz Lacan, em “Joyce, o sinthoma”, disto se deduz que haveria uma alma, e que a alma também o tem.

Toda a explicação sobre as razões pelas quais o homem crê na alma, no espírito, na ressurreição tem, talvez, a ver com este real que Lacan elabora ao final de seu ensino, no qual o corpo é tomado pelo significante. O significante é corpo, não é alma, não é espírito, é corpo sutil.

O tema de nosso encontro, “O mistério do corpo falante”, é uma oportunidade para falar destes corpos que, como disse Lacan na Itália, gotejam. Corpo cortado pela inscrição do significante, não só por habitar a linguagem, como porque o significante se encarna no corpo, é habitado por ele, faz-se leito do Outro. Desde que se lançou o tema de nosso encontro, recordei-me da

referência de Freud aos afrescos da catedral de Orvieto, no famoso “caso Signorelli”. Aquela formação do inconsciente, esquecimento de nome próprio, que Lacan chama “lapso original”², já que é um retorno do inconsciente de Freud, produzido em um momento muito especial. Seu pai havia morrido no ano anterior e Freud havia iniciado a sua auto análise³.

Acontecimento que coloca em primeiro plano as imagens de, como disse Freud, “grandiosos afrescos sobre as coisas últimas”, os afrescos da catedral de Orvieto, a morte, o Juízo, a ressurreição, o céu, o inferno. Estes afrescos, nos quais a substância gozante nos é mostrada com grande realismo. Signorelli inspirou-se na “Divina Comédia”, de Dante Alighieri, que nos fala da condição humana transitando pelos três territórios: o inferno, o purgatório e o paraíso. Também “A Eneida”, de Virgílio nos fala disto. Trata-se o tempo todo do que nos acontece depois da morte, mas, também se evoca uma viagem, um deslocamento, está-se em outro lugar.

A percepção dos poetas desde os antigos gregos levou à imaginação do céu, do purgatório e do inferno, Homero na “Odisséia”, Platão na “República”, com o mito de Er. Tema presente também nas religiões que prometem felicidade e beatitude no céu e castigo no inferno. Tanto a pintura quanto a literatura falam ou mostram quem recebe estes castigos como corpos robustos para fazer-nos imaginar o sofrimento que padecem, são corpos que podem gozar, pois para gozar faz-se necessário um corpo, substância gozante.

A ressurreição é a condição de possibilidade para que se possa ter um corpo para além da morte, corpo que não se torna carcaça, que não retorna ao pó como diz o rito da Igreja Católica, ao impor a palavra de ordem: “és pó, e a pó te ás de converter.” Corpo necessário para se poder gozar da beatitude, das maravilhas do céu, corpo que pode experimentar a dor e o sofrimento que se padecerão com castigos no inferno.

A religião católica refere-se ao corpo glorioso através da ressurreição, na Bíblia há várias passagens em que isto fica claro. Na “Carta aos Coríntios”, Paulo diz que os mortos ressuscitarão do corpo que apodrece, ao ressuscitarem, serão algo que não pode morrer. Ao se fazer semente, ao ressuscitar, é glorioso, cheio de vigor, o corpo espiritual. O corpo da ressurreição é corpo glorificado (1ª TES. 4: 16-17; Fil. 03h21min), fato incorruptível. Não poderá morrer ou perecer, e pelo visto tem qualidades sobrenaturais, já que o próprio Jesus pode atravessar paredes e ascender por sua vontade ao céu com seu corpo ressuscitado. (João 20h26min; Atos 1:9, 10) Terão incorruptibilidade e imortalidade (1ª Co. 15h53min, 54) Como nos disse Colette Soler, o corpo glorioso de Cristo é corpo sutil, pode atravessar os muros, não

tem a propriedade da opacidade. Dos corpos.

“ O simbólico toma corpo, faz-se corpo incorporando-se nele, o incorporal permanece”, nesta citação de “Radiofonia” vemos Lacan jogando com diferentes palavras, incorporação e incorporal, tendo incluído a palavra corpo. É um dentro e um fora, um fantasma que escapa, como no mito da lamela. Produzindo-se o que Lacan chama corpo sutil, corpo glorioso. O significante faz inscrições de gozo que tomam o corpo, encarnam-se. Produz-se aí, ao mesmo tempo, o incorporal e o corpo sutil.

No corpo deserto de gozo, por efeito da linguagem, o gozo são volta ao corpo como sintoma, como letra ou inscrição, também na doença e na dor, o gozo, só podem afetar o corpo, corpo de superfície, substância gozante.. Esta letra é um significante encarnado a ser extraída do sintoma. De que sintoma estamos falando? É do mesmo sintoma em que estamos acostumados a pensar, ou há uma diferença no sintoma pensado em relação a este real, o corpo falante? Esperamos construir esta resposta junto com todos em nosso encontro em Roma.

Patrícia Muñoz
Mayo 6 de 2010

¹ Lacan J. El saber del psicoanalista, seminario inédito, entrevistas en Saint Anne. 1971- 72

² Lacan J. “Las formaciones del inconsciente. ED. Paidós 1999B. Buenos aires Argentina. Pág. 39

³ Jones E. “Vida y obra de Sigmund Freud” Tomo II, Ed. Lumen HorméBuenos Aires1997, pág. 352